

Louis-René des Forêts

Poemas de Samuel Wood

Versão de
Poèmes de Samuel Wood

Tradução de
Sephi Alter

O Arquivo de Renato Suttana
http://www.arquivors.com/desforets_samuel.pdf

2006

Oçam-no a rilhar baixinho, admirem-lhe a paciência
Procura, às apalpadelas mas procura.
Será que vai ser capaz de pelo menos arrumar,
Desimpedir, desencardir os cantos e os recantos
Desta cabeça que é a sua
Onde anda à roda sem encontrar a voz,
A não ser quando o vento sopra através dos bosques,
Que o mar rebola com força, cobre de espuma os diques,
Quando a natureza leva a língua para a escola da rudeza
E lhe ensina harmonias selvagens,
Também suaves às vezes como a flauta de uma ave
Quer venham da própria ave quer das ondas dum regato.
Dir-se-ia que é preciso afinar a voz pela dos elementos
Mas que se diga o inverso, é duas vezes dizer nada.
Aos termos de que se usa e abusa até à hora da morte,
Já alguém os viu agitar as folhas, animar uma nuvem?
Pergunta vã, vã a perseguição daquilo que no momento de apanhar
Se deixa escapar com medo de lhe corromper a substância.
Demasiado belas são estas imagens entorpecidas nas suas poses
Que gostaríamos de ver despidas e chicoteadas até sangrar.
Ele fica assim curvado sobre um campo mesmo estreito
Como um bicho que escava um buraco, fará dali a sepultura.

Que sentido dar ao pesadelo da mãe puta,
Do pai centenário e do irmão desertor
Como que entrincheirados cada qual numa solidão amarga,
Que sentido dar às rendas recebidas, às cartas sem resposta,
A não ser que se é três vezes culpado de sobreviver,
Roubando aos mortos o que lhes é devido, e para justificar a herança
Profanando em sonhos aquela que foi a mais querida.
Mas uma barca azul atolada na neve,
O chinfrim de cinco sinos irregulares e rachados,
Um comboio que passa a todo o vapor numa ponte de ferro,
A fachada em fogo de uma fortaleza que se desmorona,
Destas obsessões nocturnas com formas tão precisas
Nada deixa adivinhar a proveniência e a chave.
Elas dizem porém que a angústia nunca adormece,
Que todos os caminhos nos precipitam no pior
Aonde as chamas ribombam, soa o toque de finados
A não ser que queiram dizer outra coisa, e é
Que é preciso manter os olhos abertos, esticar as orelhas
Em vez de viver à distância fechado no medo.
Há também esta mulher sentada no rebordo duma janela
E é sempre a mesma. Quem é ela então?
Que sinal faz com os dedos de luva vermelha?
Por não saber responder à sua mensagem escura
Saltamos do sono com um golpe de rins
Mas é para a encontrar logo nas noites seguintes
Na mesma postura no parapeito de uma outra janela.
Depois vêm as sombras que não têm rosto
Reconhecíveis pelo andar infinitamente leve
São crianças abençoadas pelo sonhador.

É mais que tempo de voltar ao sol
O fogo do seu álcool purifica o ar
Bebemo-lo em longos tragos para esquecer aquela
Que veio na noite rasgar o coração
Dizer adeus com a mão infantil,
Uma candeia às vezes no ar
Que sopra como não querendo
Mas sem se demorar mais
Nem que a vejamos desaparecer.

É ela ainda sorrindo de pé
Por entre os ásteres e as rosas
Na plena luz da sua graça
Orgulhosa como sempre foi
Só se deixa ver em sonhos
Demasiado bela para adormecer a dor
Com tantos falsos regressos
Que atestam a sua ausência.

Não, ela está mesmo ali,
Que importa se o sono nos engana
É preciso queimar os olhos,
Aguentar este doce sofrimento,
Abalar, perder a razão,
Destruir o que viria a destruir
A aparição maravilhosa
Acolhida como quem treme
À vista de um rosto apanhado na morte
No último brilho da sua flor.

Está ali para velar por nós
Que só dormimos para vê-la
Quando por vergonha, com medo das nossas lágrimas
De dia só sonhamos em fugir lá para fora
Sem deixar de espreitar também ali o seu regresso
E é em busca de um mau refúgio
Embrutecer sob o sol que queima.

O que o coração reconhece a razão nega-o.
Um sonho, mas haverá algo mais real do que um sonho?
Será preciso resignarmo-nos a viver sem sonhar
Que a criança atraída pelos lugares de família
Vem a este jardim de rosas, e todas as noites
Torna a encher o quarto com a sua chama cândida
Que nos dá como um presente ou uma súplica?

Estas visões eram apenas um erro do esquecimento,
O seu encanto secamente interrompido ensina-nos que
Reivindicar os bens não é o mesmo que tê-los.
Pois acabou, acabou este logro alimentado
Ela não está onde julgávamos vê-la
Nem ali onde já não seremos.
Quem, salvo enganando a si mesmo,
Poderia doravante ouvir-nos
Como no tempo dos amores felizes
Em que éramos pessoas vivas
À escuta do mais pequeno consentimento em nossos lábios
Mas livres de falar ou calar?

Fingir ignorar as leis da natureza,
Reencarnar em sonhos a forma abolida,
Atribuir à miragem as virtudes de um milagre
Será isto vencer a morte?
Quando muito duvidar de que ela nos separa,
De que seja um facto o facto de não estar em parte alguma.

Quebra irreparável. Dela tomemos nota.
Eis-nos desolados ao longo da vida,
A nossa memória aberta como um ferimento,
É nela que a veremos ainda,
Mas cativa da sua imagem, mas reclusa
Nesta obscuridade devoradora
Onde, para ligar o seu infortúnio ao nosso,
Sonhávamos ir perder-nos juntos
De amarras todas cortadas, e talvez alegres
Fora a soleira menos difícil de transpor,
Ser um só com ela na morte
Escolhida como a forma perfeita do silêncio.

A unir-se ao nada, o nada gera nada.
Se é preciso viver desperto para as coisas vivas,
Antes temer que a mágoa se apague
Assim como a memória enfraquece por fim
Deixar de sofrer por deixar de vê-la
Vir ter connosco na noite favorável aos encontros
Seria como deixar o coração empobrecer
Por duas vezes devastado e deserto.

Tudo o que foi, que é o brilho de um momento
Estranho sem dúvida como as metáforas dos sonhos
Oferece uma visão melhor do tempo
Pesem tantas figuras refractárias
Que por mais voltas que dê
A língua não consegue apanhar com as suas armadilhas,
Mas longe de permanecer à distância
Elas irradiam com força que chegue para que se exerça
Além da palavras a sua hegemonia soberana
Sobre o espírito que, graças a elas, vê mais claramente
Quando não se deixa extraviar pela frase
Com os seus belos acordes, o seu ritual enganador
Aos quais se opõe em tudo a comunhão silenciosa
Esse fogo profundo sem mediação impura.
Tomar forma é tão contrário à sua natureza
Que de nada serve obrigá-las pela violência,
Só em nós elas respiram livremente
Que estamos ali para protegê-las do lá fora
Se bem que destinados com elas a desaparecer
Seja custoso aos vivos o ter de calar-se
Como se, prisioneiros de uma antiga desconfiança,
Tivessem perdido a memória do coração,
Esquecido mesmo aquilo que se chama o esquecimento
De que cada um precisa para sobreviver.
Não, é qualquer coisa de outro modo obscura,
A ternura que faz embargar-se a voz
O dever da amizade vigilante.

A sentença que pesa, uma vez que liberta,
Que se aplica aos melhores como aos piores,
Mesmo que a aplicação se faça lenta,
Deve inclinar à paz os nossos espíritos
Cuidadosos em resolver-se sem perder direitos,
Sendo qualquer queixa acto de contrição
Para os traficantes que especulam sobre o medo
Do qual dirão que foi uma graça do céu
Ó impostura dos tiranos da infância!
Nenhum desafio, mas que um porte altivo lhes estrague
No momento de abordar a prova suprema
As manhas com que querem dispor do nosso fim.

Retira-te sabiamente do mesmo modo que abandona o palco
Um velho actor já sem crédito. É esta a lei,
Tens de te submeter, dizer adeus ao que deixas,
Penetrar com passo firme nessa espessura obscura
Para onde é coisa estranha o ter de voltar.
Não te insurjas, não te aflijas com a tua sorte,
Não tremas de angústia perante o limiar
Que estás em vias de tão mal transpor,
Aproxima-te do não ser sem compaixão para contigo
E como homem de boa fé, saúda-a esta vida
Que perdes com a sua carga de penas e desejos,
O cenário demasiado belo para o pouco tempo que ali se representa
A esbracejar em cima do palco, a esbanjar palavras inúteis
Tal e qual um cabotino a quem o cair do pano cala o bico.

Aqui derruba-se o guerreiro no fim da escaramuça
Não recebe outro soldo a não ser desventura e morte
Olha que nos dois extremos do percurso
É a dor de nascer que é a mais violenta
E que dura e se opõe ao medo que temos de morrer.
Repara que não acabamos de nascer
Mas que eles os mortos, acabaram de morrer.
Volta para donde não vieste senão para ir ter com eles
Esses mortos cujos nomes bem calados sobre a pedra
Nos lembram a nós sonhando sobreviver
Que não ser e já não ser têm absolutamente o mesmo sentido.
Alegra-te se temes que seja dada à tua ausência
Ou, como dizemos às vezes no desmaio do luto,
Que as nossas sombras possam vir defender-se contra o esquecimento.
Só os vivos passeiam uma sombra sobre a terra
Tão verdade é o ela animar-se e morrer com o corpo.

Aqui o atractivo e o pavor vão de mãos dadas.
Como por causa do seu igual poder
Nenhum dos dois supera o outro,
A não ser que vejamos claro até ao desenlace
Sabemos nós quem ganha no final?

Não cedas ao coração que se revolta nem às suas queixas desoladas
Desliga-te de ti a quem te ligou um mau lance da sorte
E sem te reprovares por ter lutado com armas tão pobres
Recusado entregá-las antes de estar mesmo à beira de morrer,
Abandona as folhas em estaleiro que te atravancam a mesa
Onde não perdeste senão demasiadas horas a construir
E a destruir. Um pouco de valentia chega
Para que te desvies e que passes,
Dando fim por defeito a esta tentativa infinita
Não menos vã que todas as comédias da glória,
Não menos estéril do que se tivesses abafado a tua voz
em recusa dos seus poderes, fidelidade ao voto da infância.
Deixa a terra natal que é o reino da linguagem e o seu inferno.
Renuncia a pagares-te com palavras que são só valores falsos,
Cessa de agia-las na cabeça tal como na insónia se
Faz gemendo a conta e a ronda dos dissabores.
Falar terá feito sempre demasiado ou demasiado pouco sentido,
O tempo findou-se assim como se acaba o
De cavar estes vastos fundos atrás de ti
À procura de uma soberania perdida
Que foi algo diferente de um sonho do espírito.
Não tenhas medo de ter medo de voltar ao mais simples vazio.

O erro, dar ouvidos aos convites sonsos
De um inimigo que finge querer curar e nos mata.
O lobo encolhido na parte mais estreita do covil,
Velho lobo, enquanto tem forças para se defender,
Avança e recua mostrando os dentes.

Haverá pior maneira de aliviar os desgostos
Que perder o desejo de desejar o que passa?
Para quê tanta pressa em desprender-se,
Fechar os olhos aos bens oferecidos e visíveis,
A tudo o que a alegria do sol deita
Sobre o mar, as folhas, um resto desconhecido
Que se cruza no fervor do seu tempo jovem?
É como dar-se por vencido antes da partida
Em vez de jogar abertamente cartas na mesa
Até à última, e rir de ter perdido

Sabendo que a morte não conhece derrotas,
Que ela nos queima a sorte e com mão firme
Nos tem tarde ou cedo à sua mercê.
Surdo, ficar surdo para as músicas da terra,
Nada, não ter memória de nada, nem mesmo consciência da própria morte?
Mas como, lá em baixo nesse negro e nesse frio
A que chamamos sem provas o doce asilo dos mortos
Os quais não são senão um monte de ossos, um punhado de pó?
Quando se percorreu somente dois terços do caminho
Deixar-se como que crescer do joelho até à cova,
Ainda quentinho e apodrecer de costas,
Quem consentiria nisto de bom grado,
A não ser pertencendo ao velho mundo dos sábios
Ou executando contra si a sentença,
Indo sempre a direito até que ela caia
De repente assim como o sono irresistível à noite
Nos vem tomar e baixar as pálpebras?
Porque é que já é morrer o saber
Que não se pode estar acordado à vontade nem viver
Além do prazo atribuído pelo destino
Seria preciso render-se aos chamamentos das trevas
Sem tardar e quebrar uma arma que ainda mal serviu?
Impossível! Temperada no fogo da linguagem
Através dela brilha o orgulho triste dos vencidos.
Só devemos deitá-la fora ao perder tudo,
Não à hora querida pela nossa cobardia.

O mim próprio fica ainda vivaz que chegue para dizer que não
E tornar a dizer que não a essas vozes que o mandam deixar-se ir.
Contudo o corpo está gasto, o sopro é tão curto...
Já se fecham todas as portas umas atrás das outras
Sobre o barulho do mundo menos audível que o sangue nas têmporas.
Abandona-se todo ele nas mãos da morte
Não há-de mexer já a cabeça, rígida como uma ave na neve.

Esta corrente portadora de vida confiada à página,
Letra morta talvez como tudo o que se profere,
Mas avessa ao repouso e tão cheia de energia
Que prefigurar-lhe o fim não é enfraquecê-la
Pois que, tirando que comprazer-se nisso seria gastar-lhe os efeitos,
Jogar a ver-se morrer ensina a viver com mais força,
A arte também de avaliar o justo preço dos próprios actos
Em vez de confiar nas sobrestimas do orgulho
Que faz esquecer o pouco que pesam, que é loucura
Querer levá-los a cabo para assegurar a sobrevivência
E quando esses actos são como aqui apenas frases,
Valem o que valem seixos deitados a um rio,
Se bem que tê-los por tais leve a substituí-los
Por uma forma de poder de outro modo insidiosa
A da inércia ou do orgulho, já não às claras
Mas tal como uma toupeira prossegue o seu trabalho destruidor.
Quem quer beneficiar do silêncio
Não pode beneficiar da sabedoria do calar-se.
Mais vale enquanto a língua não falta
Falar de todas as coisas para delas não dizer nada
E até da morte que sendo sem conteúdo
Se veste de uma sombria ênfase oratória
À medida do grande pavor que inspira,
Mais antigo do que as frases grandiloquentes que usamos
Como flores falsas para enfeitar uma campa,
Suas corolas perladas, se bem que o tempo as escureça,
Adoecem mais lentamente do que a nossa memória dos mortos.

Pior que a noites sem sonho, são as noites sem sono
Onde se dá até de madrugada no espírito dividido
Uma implacável luta intestina
Mas em pura perda porque vai despontar o sol
Que sabe afogar na sua luz que cega
O tormento das verdades demasiado duras
Devolver a vida ao desejo animal de viver.

Será que o príncipe da insónia, o arcanjo Lúcifer
Bate as asas para atizar as discórdias
Como cuidou ouvi-lo em tempos a criança no dormitório,
O piedoso aluno chorando à noite os seus pecados?
Passou o tempo da santa inocência
Uma mão pede à outra o que lhe recusa
E estas duas mãos são igualmente as minhas
Que se lançam em sonhos desafios furiosos
Quase não sonhando pois que os olhos ficam abertos
A dar para o teatro de um processo de tal modo ambíguo
Que não é nele possível litigar por si contra si mesmo
Sem ao mesmo tempo ganhar e perder a causa.

Mesmo que o reconciliar forças em desacordo
Nunca tenha sido mais do que uma aparência de trégua,
Deixemos dormir esta clarividência assassina
Para ir ter com a multidão alegre dos cegos
Da mesma maneira que a criança se mascara, vamos brincar a ser um outro
Aquele em que a natureza proíbe de nos tornarmos.

Por muito que finjamos ter o coração tranquilo
O que é que se há-de esperar destas metamorfoses fictícias?
A febre que de novo sobe desmascara a impostura,
Volta a mandar o ser para o fundo da sua dupla pessoa
Onde se afiam e cruzam as armas da guerra.

Mas como sem acreditar brincar a acreditar que se está num lugar diferente
Deste crânio que nos empareda por todos os lados?
Amotinados, encorajados pelo silêncio nocturno
Tantas vozes contrárias ali se fazem ouvir
As quais nos tornam surdos aos chamamentos lá de fora
E arruinam até às nossas mais firmes certezas.

Ora, deixadas estas sombrias razões subterrâneas,
Julgaríamos nós ser conforme às regras do jogo
O ocupar o palco de uma vez por todas,

Qual de entre os papéis que nos convenham
Poderia aliviar o peso das nossas cadeias?
Salvo na hora dita em que elas caem com a morte
Ninguém conhece o meio de se desfazer delas
Cada qual é cativo e sê-lo-á sempre.

Os queixumes do ser apertado na cabeça
Como a mosca a zumbir sob um sino de vidro,
A cadência do coração, o redemoinho das lembranças,
O orgulho a lutar contra a abnegação,
Não é preciso mais para fazer da noite
Uma longa jornada vivida à beira do abismo
Com a visão da queda próxima,
Uma jornada negra que ocupamos a destruir-nos.

Mas isto é não contar com o regresso do sol,
O glorioso sol que ainda há-de magnificar
A vida sobre a terra e a própria terra
Quando estivermos debaixo dela com os mortos
Lá onde estas palavras já não correm
Às quais damos corpo dizendo-as
Cheias de bicho amanhã como o músculo das nossas línguas,
Roídas na substância pela ferrugem do tempo,
O tempo que a morte leva a perfazer a sua obra,
A pressa que ela vai ter de arruinar a nossa,
Em breve mais indecifrável do que um epitáfio
Com as letras rasuradas pelo rigor das estações.
É preciso então calarmo-nos ou dizer outra coisa
Que possa escapar ao destino comum?
Nós não temos força para nos defendermos
O próprio silêncio conta mais do que as palavras
E tudo o que fala é feito de carne mortal.

Antes falemos da loucura dos velhos,
Do seu medo por demais infantil da morte
Perdendo a cabeça a repisar este tema
Fazem menos caso da razão do que das frases
De onde pensam extrair uma energia nova,
Como que a garantia de um acréscimo de existência
E ei-los que se dissipam num tempo de nada
Para depois não legar senão receitas sem valor.
E contudo pagaram-nas por alto preço
Num derradeiro salve-se quem puder ilusório
Por falta daquela sabedoria que se diz ser própria da idade avançada.

Para nós vivendo ainda sobre a terra,
O sol lá em cima é o nosso salvador,
O amigo matinal que nos põe fora da cama,
O espelho onde as cotovias se deixam apanhar,
O deus de ouro semeando o seu pó de enganos,
Que vemos como um grande olho vermelho no declínio
Quando se aproxima o momento de retomar
Os autos deste processo interminável,
De ter de comparecer perante si mesmo
Segundo o ritual imposto pela insónia,
De ser ao mesmo tempo juiz e arguido,
Se bem que fechado neste duplo estatuto
Quem é que pode pronunciar, quem pode ouvir o veredicto
E para que crime a expiar senão de orgulho?
Abaixem-no, logo ele se levanta
A sua arte consiste em dissimular os pontos fortes
A lucidez é o seu trono de prazer
Terá reinado de pleno direito sobre a infância
Purificando pelo fogo os fundos turvos do coração
Não lhe chegámos ao cabo com a idade.

Quantas vezes ainda será preciso dizer
O que se disse e tornou a dizer tantas vezes?
Quantas vezes ainda sonhar com uma linguagem
Não escravizada pelas palavras como naqueles dias
A tremer de tímido desejo em que
A sede era só daqueles abraços silenciosos
Que encham de prazer mais do que as conversas sérias?
Será preciso ser sempre para começar de novo
Aquilo que se procura e nunca se consegue ter?
Talvez que renunciar fosse mais ajuizado
Mas razão e loucura lutam com igual força
Sem que nenhuma das duas leve a palma.
Poderá o espírito aspirar tão pouco ao repouso
A ponto de fazer deste combate estéril um jogo
Em que cada partida só se ganha perdendo?
Que movimento o agita, e que outro o faz parar
No momento em que se prepara para dar o salto?
Seria para além de intermináveis rodeios
Chegar ao porto a sua única obsessão
Há ainda demasiado nevoeiro que o cega
Nada para o guiar a não ser signos no vazio
Portadores de mensagens sempre sofredoras
Se derivam sem chegar a atingir o destinatário
Como se de cada vez lançadas por mão hesitante
Quererá isso dizer que não pedem resposta?
Encontrar a fórmula para sair do impasse
E o mais depressa possível, a salvação tem este preço
Mas é como esperar da noite que ela ilumine
O caminho estreito que conduz ao porto.

Quem se faz primaveras de palavras novas
Demasiado esquece que elas prometem desflorir
Nem mais nem menos do que estas raparigas com cara de anjo
A quem o tempo se encarrega de ofuscar o brilho
Outras depois tornar-se-ão irreconhecíveis
Com as forças vivas mais tarde ou mais cedo sem viço
O ser e a linguagem partilham o mesmo destino
Quando já nada resta de sua primeira beleza
É contudo o encanto da idade que os salva
Como de antigas moradas o mistério de suas ruínas
Ou estes amores defuntos remexendo nas cinzas
Que deitam no coração uma melancolia igual
Aquele que inspira o verão lá para o fim
Pouco antes do voo das aves para África
E que as folhas tendo deixado os ramos
Sequem no chão num cenário de geada.

Fraco e enfraquecendo mais cada dia
Já não conduz a ofensiva para seu agrado
Por falta de fé num resultado glorioso
Doravante só o furor o aguilhoa
Que o faz bater com a mão tremente
Cada golpe seguido de passos atrás
Mas sem baixar a guarda nem perder o fôlego
Aguentando e dando-se por vencido
Recusa a morte inscrita sobre a testa
Há-de talvez cantar vitória ao cair.

Se a vergonha o faz andar às voltas à noite
À procura do sono para esconder o rosto
É porque vê com os olhos da consciência
Aquele que diziam ser um rapaz intratável
Vir agora julgar o homem que o traiu.
Mas antes admitir a culpa do que à laia de defesa
Valer-se duma sabedoria adquirida.

O caminho que vai de ontem para hoje
Parece às vezes obscuro e está tão cheio de desvios
Que não é nada fácil reconhecerno-nos nele
Nem justificar o percurso
A uma criança que ainda o mal começa.

Bem pode tremer em cada noite um pouco mais,
O coração não perdeu por isso o seu jovem orgulho.
Esquece as suas fraquezas, perdoa-lhe
O quanto lhe custa bater sem ter medo
Do inimigo que está na praça à espreita.

Que o dia venha libertá-lo, que venha
Suavizar esse olhar de anjo justiceiro
Onde se reflecte a sua cólera santa
Voltada contra si mesma infiel á infância
E já submisso antes mesmo de se render.

De uma ave escondida na ramagem
Gostaríamos de aprender o delicioso canto
Bem como o apelo pungente dos lobos em coro
Em vez de gritar com uma garganta tão oca
Inapta para produzir essa música nativa
Que inspiram aos animais a alegria e a fome.
Sem ter a pretensão de igualar suas proezas vocais
Não corrompidas pelo desejo de audiência
Que faz do homem uma criatura tão vã
Como é que se há-de cantar num registo menos pobre?
Não teremos tido outros apetrechos além das palavras
A quem o pedir mais do que aquilo que sabem fazer
Nos leva a desesperar do seu uso
Mas continuam a ser nossas senhoras em todas as coisas
Uma vez que é preciso passar por elas para nos calarmos
Que o processá-las seria perder o nosso processo
E que a tanto ódio se alia a devoção.

Tu que nada diz que vivas sob este nome,
Samuel, Samuel, é mesmo a tua voz que eu oiço
Vir como que das profundezas dum túmulo
Reforçar a minha engalfinhada com as frases
Ou fazer eco à sua grande indignância?
Bom génio que parece o diabo em pessoa
Não saberia dizer mais nada a teu respeito
Salvo que estando eu tocado pela doença da linguagem
Aquela que falas não me pode curar.
Mas o pavor, mas as verdades mais escuras
Tu que és só um nome arranja força para dizê-las.

Navegadores tão audazes quanto cegos
Tanto lhes faz para onde rumam, avançam
Por tormentas e naufrágios até ao ponto supremo
E é o mesmo para cada um de nós
Lá hão-de colher depois de tanta valentia
Só o fruto envenenado das trevas
Que provará igualmente quem quer que
Para atrasar o prazo medonho
Apenas se atreva com passinhos prudentes
Ou procure refúgio nas tarefas banais.
Mas raros são aqueles que por lhe acharem tão pouca amargura
O tomam como elixir benéfico
Livrados de si mesmos e entregues ao sono
Como esses arrisca-tudo maltratados pela sorte
Desaparecidos com teres e haveres no abismo dos mares.

Quanto a nós que não o bebemos antes da hora
Quando soar a de ter de o aproximar dos lábios
Dêem-nos engoli-lo sem nos fazermos esquisitos
Custe o que custar o ser obrigado pela idade
E não pela livre vontade de nos destruímos
Nem pelo tumulto de uma acção conquistadora
Mas mesmo que a coragem nos faltasse
Mais vale perder a cor por ter de beber o fel
Do que corar por ter ainda vontade de viver
Fosse para reparar as nossas faltas
Que agravam a memória com um passivo ardente.

Silêncio. Vigia em silêncio Porque é que teimas
Em discorrer sem sabe nada da morte?
Lá porque do próprio termo emana uma força escura
Pensas que podes adoçá-la com tantas palavras,
Dar um sentido ao enigma do sem-sentido?
Vê antes as aves vagueando ao sol
Escuta-lhes o concerto à noite nos bosques
De onde se elevam aos trilos tantos duetos namorados
Que soam claros como as águas das serras.
Por muito próximo que esteja o fim que sentes vir
Liberta-te do teu fúnebre cuidado
Casa-te com a alegria das criaturas do céu
Viver e cantar lá em cima é o mesmo.

Uma sombra talvez, nada mais que uma sombra inventada
E nomeada pelas necessidades da causa
De laços cortados com a sua própria figura.
Mesmo que o dar a ouvir uma voz vinda de algures
Fora do alcance do tempo e do desgaste
Se revele não menos ilusório do que um sonho
Haverá contudo nela algo que perdura
Até mesmo depois de se ter perdido o sentido
O seu timbre vibra ainda como uma trovoada
Da qual não sabemos se se aproxima ou se se vai.